

A ESCOLHIDA

Autor: José Braz da Silveira

Em um pequeno vale que brotava das encostas mais íngremes da Cordilheira dos Andes, na Costa do Pacífico, vivia a civilização Grotas, assim chamada em razão da topografia atípica do lugar. Com a invasão constante dos europeus, da mesma forma que ocorreu com os Incas, os Maias e os Astecas, a civilização Grotas também foi literalmente saqueada e finalmente dizimada.

Vigorava na nação grotense a Monarquia com apenas duas classes sociais, os nobres, que tinham tudo, e os que nada tinham. Antes das invasões dos europeus, entretanto, a civilização grotense viveu em paz por milhares de anos.

Em determinada época, há muitos anos, uma grave doença atingiu a nação grotense, praga que acabou matando mais da metade da população, principalmente as crianças. A epidemia ficou conhecida como “Primavera Negra”, em razão de ter iniciado no mês de setembro daquele ano. Entre as poucas crianças que sobreviveram, destacavam-se o José Joaquim da Nóbrega, o Quinhão e Joaquim de Moraes, o Quinzinho, o primeiro pertencente à classe dos que tudo tinham e o segundo originário daqueles que nada possuíam.

Sobreviveram tão poucas crianças que mesmo sendo de classes distintas, Quinhão e Quinzinho se tornaram grandes amigos. Evidentemente que nunca foi uma amizade inteiramente sincera, pois Quinhão sempre tentou impor a sua superioridade e Quinzinho negava-se a aceitar. A diferença física entre ambos também era muito grande, sendo Quinhão um garoto forte e corpulento e Quinzinho frágil e raquítico. Não raro, as brigas ocorriam e, invariavelmente, Quinzinho apanhava muito.

Certa vez um velho viajante que passava pelo vilarejo, sentou-se na Praça para descansar e Quinzinho sentou-se ao seu lado para conversar e conhecer um pouco da vida daquele atípico homem. A barba caía-lhe ao peito e os cabelos amarrados na nuca camuflavam os enormes fios já esbranquiçados. Quinhão não quis participar da conversa, pois acreditava que nada de interessante aquele homem mal trajado teria para lhe ensinar ou mesmo para contar, mas ficou acompanhando a conversa a distância. Claro que ao observar o comportamento

de Quinhão e de Quinzinho o velho já tirou evidentes conclusões.

Antes de qualquer rodeio, o velho forasteiro olhou fixo nos olhos do garoto e lhe perguntou com firmeza: Sabes como um fraquinho pode derrotar um fortão? E já emendou a resposta. - Agindo como um louco. - Como assim, perguntou Quinzinho? - Fortes ou fracos todos têm medo dos loucos, completou o viajante misterioso. Em seguida, ajeitou com a mão esquerda o chapéu de couro surrado pelo tempo e com a direita acenou em despedida.

Por muito tempo Quinzinho procurou entender o que aquele ancião quis lhe dizer naquele dia, sobretudo porque não haviam conversado antes e disparou aquela flecha sem que lhe tivesse perguntado nada. Como aquele estranho homem, impregnado com a poeira das estradas poderia lhe dirigir a palavra daquele jeito se não o conhecia e nada sabia sobre a sua vida? Precisava decifrar aquele enigma com muita calma e paciência.

Em todas as ocasiões que era surrado e humilhado por Quinhão, Quinzinho recolhia-se ressentido e voltava a pensar no que aquele homem havia lhe falado. Sentia-se impotente diante da situação, mas alguma coisa teria que fazer, pois a agressividade do seu amigo folgado aumentava a cada dia.

Tornaram-se adultos e agora as brigas já não eram como antes. Quinhão havia sido preparado para assumir o Reino de Grotas e Quinzinho, como bom súdito, precisaria se comportar e aceitar as ordens do futuro Monarca. A praga que se abateu sobre Grotas atingiu também a família real, sendo Quinhão o único filho do Rei Demóstenes da Nóbrega a permanecer vivo para ser empossado. O Rei Demóstenes já estava muito idoso e doente, mas mesmo assim estendeu o seu reinado o quanto pode para que seu filho ao menos alcançasse a maioridade.

Vigia no Reino de Grotas uma lei muito antiga que assegurava ao Rei na época da sua posse, o direito de escolher a moça com a qual desejasse ficar. Ninguém jamais ousou questionar essa regra e ao que se sabe todos os Reis de Grotas haviam usufruído desse direito previsto em lei, quando acenderam ao trono dos da Nóbrega.

Em determinado dia o mensageiro oficial do Reino de Grotas bateu à porta da casa de Romana, a primeira e única namorada de Quinzinho. Trazia uma

mensagem expressa de Quinhão, o novo Rei de Grotas. Deveria se preparar para ser conduzida ao Palácio imediatamente, pois tinha sido a escolhida do Rei. Nada mais honroso para uma donzela de Grotas do que ser a escolhida do Rei. Mas Romana não pensava como a maioria. Além disso, já havia jurado amor eterno a Quinzinho, com quem pretendia se casar em breve e com ele ter muitos filhos.

Mas quem se atreveria a descumprir uma ordem do Rei de Grotas? Só um louco poderia imaginar um desfecho diferente para aquela história. Foi então que Quinzinho lembrou-se novamente da lição do velho caminhante e resolveu tentar mudar o rumo da história.

Dirigiu-se imediatamente ao Palácio e desafiou Quinhão para um duelo. Quem saísse vitorioso desse duelo, ficaria com o coração de Romana. A atitude foi contestada por todos os graduados integrantes do Governo e principalmente pela família real que se sentiu desafiada. Que ousadia era aquela de um súdito qualquer para desafiar o Rei de Grotas? E onde estava escrito que a escolhida do Rei poderia ser disputada em um duelo? A lei era clara: a escolhida do Rei deveria ser trazida ao Palácio e posta a sua disposição e isto deveria ocorrer sem demora.

A notícia se espalhou como um foguete em todo o território de Grotas e em poucos minutos a multidão curiosa e aflita rodeava o Palácio para acompanhar aquele desfecho histórico. Na extremidade sul da Praça em frente ao Palácio, Quinzinho apeou do seu cavalo e gritou a todos os pulmões: – Venha para a Praça Quinhão! Estou aqui esperando por você. Aquela altura, Romana já estava prestes a chegar, trazida pelos capachos do Rei, mas desta vez seria diferente.

Nas internas do Castelo os funcionários incrédulos se aproximavam de Quinhão para esperar a sua decisão frente à inusitada proposta. Aceitaria esse desafio absurdo e colocaria em risco a sua própria vida e a estabilidade do Reino de Grotas? Ou mandaria o seu exército resolver a situação na forma tradicional, acabando com a vida daquele impostor que ousava desafiar o Rei.

Do lado de fora do Castelo o clima era de tensão e expectativas. A cada minuto que passava, mais gente chegava ao local. Até as pessoas de mais longe já começavam a chegar. Pelo que se observava ninguém ficaria em casa naquela tarde. O acontecimento havia mexido com os brios e ferido os sentimentos das

famílias de Grotas. Já não se tinha como infalível a palavra do Rei. A “Lei da mulher escolhida” já poderia ser questionada. Ao menos isso Quinzinho já havia conseguido despertar no subconsciente daquele povo.

Na casa de Romana o ritual de preparação já estava bem adiantado. Uma equipe de mulheres nobres assumia a tarefa de preparar a “escolhida” para o grande encontro. Todo o ritual de preparação acontecia na casa da moça. O imóvel era requisitado pelo Rei e cercado pelas forças de segurança do Reino, permanecendo na casa apenas a escolhida e a equipe de preparação. Os próprios familiares da moça eram obrigados a se retirar, sendo autorizados a retornar ao lar somente quando tudo terminasse.

A preparação incluía a substituição de todas as roupas, começando pelas peças íntimas, calçados e joias. Tudo que pertencia à escolhida era recolhido e guardado. No seu retorno, depois de 10 dias, receberia um novo enxoval com roupas, joias e calçados novos, além de muitos presentes. Se preferisse ficar morando no Palácio teria um quarto exclusivo e passaria a receber salários, mas teria que trabalhar como os demais empregados.

Na Praça em frente ao Palácio já não sobrava espaços para mais ninguém. A cavalaria real protegia o portão principal do Castelo. Ao lado de Quinzinho, que se posicionou em uma das extremidades da Praça com seu cavalo mouro, havia alguns cavaleiros sem armas ou escudos. Eram seus fieis amigos, mas sem nenhuma disposição para qualquer batalha.

A multidão circundou a Praça de chão batido, mas reservou o centro para o grande enlace que por certo não tardaria a acontecer. Ninguém ousava bradar qualquer palavra de ordem ou mesmo falar com quem estivesse ao seu lado. O silêncio tomava conta da multidão, até que um sonoro murmúrio coletivo anunciava a chegada da carruagem que trazia a escolhida.

Ao perceber a aproximação do cortejo, Quinzinho levantou a espada com sua mão direita e, assumindo o controle da cerimônia, ordenou que Quinhão fosse chamado e conduzido até a Praça.

Ao sinal de clarinete, o grande portão do Castelo foi se abrindo lentamente. Ladeado por soldados fortemente armados e montado em seu belo cavalo negro,

Quinhão avançou em direção à Praça e voltando-se para Quinzinho determinou: “Percebo que o meu amigo de infância ousa desafiar o Reino de Grotas e as suas leis milenares. Assim como as leis são escritas para serem cumpridas, a todos é dado o direito ao arrependimento. Antes de tomar a decisão que julgo ser a mais difícil da minha vida, quero oferecer ao meu amigo Quinzinho a oportunidade do arrependimento, com um pedido de desculpa formal em Praça pública, sem qualquer outro tipo de sanção ou consequência”.

Mal terminou suas palavras, Quinzinho lhe respondeu no mesmo tom: “Nenhuma lei deve ser desrespeitada, mas toda lei injusta pode e deve ser revogada. Um Rei justo não pode conviver com leis injustas. A “Lei da Mulher Escolhida” pode e deve ser revogada pelo Rei de Grotas em respeito ao seu povo e principalmente as nossas famílias. Caso Vossa Majestade insista em fazer cumprir essa lei espúria, só o fará por cima do meu cadáver”.

A carruagem com a bela Romana já havia se aproximado da Praça, mas a multidão obstruiu a sua passagem até que tudo se resolvesse. O sol já se escondia atrás dos morros, mas ainda se via o seu clarão com belos raios cintilantes.

O confronto final já não se poderia evitar. Caberia ao desafiante o gesto inicial. Com sua espada em punho Quinzinho riscou as suas esporas na virilha de seu cavalo e partiu em direção ao seu algoz. Quinhão também fora criado e preparado para aquelas situações e não perdeu tempo. Juntou seu potro na espora e desbravou os céus com sua espada prateada.

No centro da Praça os cavaleiros se encontraram em grande velocidade, sendo estridente o tinir das duas espadas, mas nesse primeiro golpe ninguém foi atingido. Mal conseguiram fazer parar as suas montarias e os contendores se voltaram em direções contrárias com suas espadas pontiagudas. Mais uma vez as atitudes de defesa prevaleceram, constatando-se apenas um corte sutil na coxa esquerda de Quinhão, atingido de raspão pela espada de Quinzinho.

E assim, foram os contendores se digladiando com a plateia em completo silêncio e incontida aflição. Os próprios animais já davam sinais de fadiga e desatino. Foram mais de duas horas de lutas, golpes e contragolpes. A luz do sol

de trás dos morros já não garantia clareza para assegurar lisura ao ato.

Por fim, os cavalos de ambos os duelistas já corriam trôpegos em velocidade moderada. Os braços que empunhavam as respectivas espadas já não demonstravam total firmeza, como no início da peleia. Os próprios animais, quando iniciava a disparada final, cada qual de uma extremidade da Praça em direção ao centro, pareciam já saber que aquele seria o último lance. Ninguém duvida que entre o homem e o seu cavalo existe uma relação sagrada e de absoluta empatia. Foi o que se pôde constatar naquele instante.

Por muito tempo, depois daquele fatídico e histórico episódio, houve quem acreditasse piamente que Quinhão e Quinzinho, no auge da disputa, haviam selado um último acordo. De fato ficou essa impressão. Com as respectivas espadas apontadas um para o coração do outro, aparentemente despreocupados com atitudes de defesa, o que teria caracterizado o duelo até aquele momento, partiram para o último ataque, como quem já soubesse do resultado. Com os corpos transpassados, um pela espada do outro, caíram mortos os dois contendores.

O Rei estava morto, assim como o seu rival. A comoção coletiva tomou conta da multidão. E agora? Quinhão não tinha um sucessor natural. Ainda não tinha filhos e seus irmãos haviam sido tragados pela chamada “Primavera Negra”. A célebre frase “Rei morto, Rei posto”, já não se poderia assegurar. Quem seria o novo Rei ou a nova Rainha de Grotas? A nação grotense não conhecia outra Forma de Governo, a não ser a Monarquia.

Na concepção de Nicolau Maquiavel, o mago de Florença, um Príncipe, o comandante supremo de uma nação, precisava reunir duas características indispensáveis, “a virtude e a fortuna”. A virtude estava ligada à capacidade, o conhecimento, à habilidade do comandante. Já a fortuna não se relacionava à riqueza, mas sim à sorte, a oportunidade. Uma pessoa afortunada era uma pessoa com muita sorte. Alguém cujas oportunidades sempre lhes aparecem.

Enquanto a Guarda de Honra recolhia os corpos, o cortejo oficial conduzia a carruagem com Romana para o centro da Praça, já sem saber o que fazer. No subconsciente de cada uma das pessoas presentes uma decisão instantânea e

espontânea foi se formatando. Uma voz forte e estridente ecoou da multidão como um cântico sagrado. O nome de Romana parece ter sido tatuado no coração e na alma de cada um dos que se faziam presentes. Roommannaa, Raaiinhaa. O cântico se repetiu diversas vezes e cada vez mais forte. E assim foi instalado um novo reinado, sob o comando da Rainha Romana de Castro Monteiro que por certo revogaria a Lei da Mulher Escolhida no seu primeiro ato.

Nota: O conto que você acaba de ler foi premiado no 26 Concurso Internacional promovido pela ALPAS 21

BREVE CURRÍCULO DO AUTOR

José Braz da Silveira:

Advogado, Mestre em Ciências Jurídicas pela UNIVALI e Especialista em Políticas Públicas pela UDESC. Desde muito jovem José Braz da Silveira exercita a arte da escrita com habitualidade, mas deu início a sua vida literária apenas em 2001, quando participou do concurso: “Crônicas de Advogados”, promovido pela OAB/SC, tendo sido o primeiro colocado com a Crônica: Árvore de Anita. Naquele mesmo ano publicou o seu primeiro livro: Arbitragem - Nas Locações de Imóveis Urbanos. Tem participado de diversos concursos literários, contos e crônicas, sempre com boa colocação. Como integrante da Academia de Letras de Biguaçu e de Governador Celso Ramos, José Braz da Silveira participou como coautor de diversas publicações organizadas por essas duas Casas de Letras. Pela Editora Juruá, de Curitiba, publicou em 2011 o livro: “A Proteção a Testemunha e o Crime Organizado no Brasil”, obra que já se encontra na 3ª edição. Em 2015 publicou mais um livro pela Editora Juruá com título Instinto Perverso – Romance Policial. Em 2012, publicou o livro “Lupe e o resgate da medalha”, edição do autor e a partir dessa obra, idealizou e coordenou um Programa de Incentivo a Leitura em Biguaçu - SC, iniciativa que motivou a participação de mais de 5 mil adolescentes. Idealizou e coordenou o Programa: “Quem Sabe Ensina”, que resultou na publicação do livro: “Talentos da Arte de Biguaçu”. Foi Secretário Municipal de Educação de Biguaçu em 2009, quando implantou o Programa Educação Cidadã, com excelentes resultados. Tem 13 livros publicados, sendo 6 em coautoria. Escreve artigos e crônicas para alguns jornais alternativos em Santa Catarina. Foi também professor universitário. Atuou ainda, como Presidente da Federação das Rádios Comunitárias e Educativas de Santa Catarina e Coordena o MSB – Movimento Solidariedade do Brasil. Atua também como conferencista.